

DIGA-ME: AS CRIANÇAS, A LEITURA E A CONVERSA, DE AIDAN CHAMBERS

Marcos Scheffel*

 <https://orcid.org/0000-0002-6418-8327>

Como citar esta resenha: SCHEFFEL, M. *Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa*, de Aidan Chambers. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 1-4, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETRE16856>.

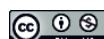
Submissão: 8 de março de 2024. **Aceite:** 17 de junho de 2024.

■ **F**azer as crianças falarem de maneira desenvolta sobre livros que leram é com certeza um dos principais objetivos dos professores que trabalham com a literatura em sala de aula. O livro *Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa* (*Tell me: children, reading & talk*), do inglês Aidan Chambers, com tradução de Juliana Chieregato Pedro, apresenta uma abordagem de ensino que procura promover desde cedo as conversas literárias.

O livro de Chambers é conhecido no Brasil de forma indireta em citações de autoras de língua espanhola, como Cecilia Bajour, Maria Teresa Andruetto e Teresa Colomer – que são referenciais teóricos incontornáveis no campo da formação de leitores e na literatura infantil e juvenil. O contato delas com essa obra deve ter se dado por meio da renomada coleção *Espacios para la Lectura*, da editora do Fondo de Cultura Económica. Outro possível ponto de contato delas com Chambers é a produção infantil do autor – ganhador do Prêmio Hans Christian Andersen em 2002.

Partindo de um pressuposto simples: “não sabemos o que pensamos até que ouçamos o que falamos”, Chambers (2023, p. 17) desenvolve a ideia de que, ao falarmos sobre um livro que lemos, começamos a entendê-lo melhor. Logo, cabe

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ. Brasil. E-mail: marcos.scheffel53@gmail.com



RES~~E~~NHA

à escola e aos professores criar situações em que os leitores em formação possam falar sobre os livros que leram.

A conversa literária é uma maneira de dar forma aos pensamentos e às emoções, estimulados pelo livro, e aos significados que construímos juntos a partir dos textos – as mensagens imaginativamente controladas enviadas pelo autor que interpretamos de maneira que achamos útil ou agradável (Chambers, 2023, p. 28).

Essas conversas literárias são possíveis pela criação de uma comunidade de leitores em sala de aula – formada pelo professor e pelos alunos – que se sentem à vontade para enunciar suas interpretações, sem medo de terem suas falas desconsideradas e “sem risco de negação, depreciação ou rejeição” (Chambers, 2023, p. 54). A comunidade de leitores compartilha seus entusiasmos, suas dificuldades sobre as obras, e também procura os “padrões dos textos”, ou seja, a forma como os textos literários são construídos.

Aqui se pode indicar um ponto de grande destaque do livro: a presença da transcrição de diálogos entre professoras e alunos sobre as obras que leram. Trata-se de um material muito importante para aqueles que trabalham com a formação de leitores, pois demonstra como é possível levar uma leitura mais adiante. Um exemplo:

Uma sala de crianças de 8 anos estava discutindo Onde vivem os monstros de Maurice Sendak. Estavam todos absortos em sua aprazível discussão, quando decidiram que Max sonhou que foi ao lugar onde vivem os monstros. A professora, então, perguntou: “Quanto tempo vocês acham que levou para a história acontecer?”. As crianças se intrigaram com isso por um tempo, sem conseguir solucionar a questão satisfatoriamente. Enfim, um garoto disse: “Leva o tempo de uma soneca”. “Como você sabe?”, perguntou a professora. O garoto respondeu: “Mas foi mandado para cama sem comer nada. Ele vai dormir e sonha com monstros. Quando ele acorda no final, seu jantar está esperando por ele e ainda está quente. Quando fui mandado para cama por ser levado, minha mãe não me deixou lá a noite toda. Ela me trouxe algo para comer e me deu um beijo de boa-noite” (Chambers, 2023, p. 67).

Esse trecho apresenta uma situação pouco comum: uma professora criando condições para que um grupo de alunos (uma comunidade leitora) construa interpretações mais complexas partindo de elementos do próprio texto. Mas essa dinâmica só é possível porque a professora acredita no potencial crítico desses leitores em formação, porque houve uma seleção prévia de uma obra capaz de gerar essas interações, porque houve também um preparo para mediar o livro de Maurice Sendak.

Já deve ter ficado claro que se trata de uma abordagem de ensino voltada para crianças ainda em fase de alfabetização e de formação leitora. Nesse sentido, o livro traz uma série de orientações, como tipos de questões que devem ser feitas ou não, daí um certo caráter prescritivo. Essa prescrição pode ser vista, por exemplo, na recomendação de não se perguntar aos leitores “por que gostaram ou não gostaram de determinada obra”, pois se trataria de um tipo de pergunta que geraria respostas vagas, curtas, pouco elaboradas. Daí a ideia de se substituir o “por que” por “diga-me”, que seria uma fórmula que convidaria à conversa.

O livro também sugere tipos de questões que podem ser feitas para estimular a conversa literária. Essas perguntas são divididas em básicas, gerais e específicas. As perguntas básicas servem como uma espécie de diagnóstico para o professor perceber o que mais chamou a atenção na história e possíveis dificuldades; as perguntas gerais procuram gerar uma reflexão sobre aspectos do modo de leitura, por exemplo: “O que você vai dizer aos seus amigos sobre esse livro?”; as perguntas específicas – diferentemente das duas primeiras, que servem para qualquer obra – se debruçam sobre aspectos particulares de determinada obra, como a questão citada anteriormente, sobre o tempo em que transcorreu a aventura de Max em *Onde vivem os monstros*.

Apesar de ser uma obra de certa forma datada – sua primeira edição em inglês é em 1993 –, *Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa* apresenta uma abordagem que pode criar leitores capazes de ler livros mais complexos em graus de escolaridade mais avançados. Pode-se argumentar que as estratégias dessa conversa literária são focadas em um professor com um repertório de leitura amplo e com condições materiais favoráveis – algo que destoa bastante de nosso cenário educacional, no qual a maioria das escolas sequer possui uma biblioteca. Contudo, pode-se pensar que Chambers fornece um caminho acessível e que não necessita de grandes aparatos tecnológicos: um livro, um professor preparado e uma situação de conversa democrática.

Nessa atividade, há um balanço a ser encontrado entre o respeito aos direitos individuais como leitor e como falante e a leitura cooperativa do grupo – o texto em comunidade que sempre é mais complexo e cheio de insight que qualquer leitura individual pode ser.

Esse equilíbrio entre o individual e comunitário na conversa literária parece para mim uma metáfora de uma sociedade realmente igualitária e democrática (Chambers, 2023, p. 52).

Quanto à tradução da obra e sua revisão técnica, algumas considerações são necessárias. O livro foi traduzido do inglês e cotejado com a tradução em espanhol – procedimento comum entre os tradutores e que ajuda na resolução de eventuais dúvidas de tradução. Assim como a tradução em espanhol, optou-se por não publicar o livro da forma como ele vem sendo publicado na Inglaterra, ou seja, juntamente com o livro *The reading environment* (este como uma espécie de primeira parte). Obviamente que se trata de uma opção editorial que considera aspectos básicos como a extensão da obra, porém, ao se fazer isso, certos cuidados são necessários, já que um livro faz referência ao outro. Esses esclarecimentos para o leitor poderiam ser feitos no texto introdutório, que, no entanto, não faz isso, mas se ocupa de falar de outro texto teórico que sequer é citado pelo autor inglês. Esse texto introdutório, por sua vez, não cumpre com o objetivo básico desse tipo textual: apresentar a obra, o contexto de produção, a recepção da obra, as bases teóricas das propostas de Chambers etc.

Somam-se a isso muitos problemas de tradução, como: 1. *approach* como “enfoque” (o termo *approach*, no campo de ensino de línguas, é traduzido como “abordagem”); 2. *explanation invited* e *clarification invited* como “explicação convidada” e “esclarecimento convidado” (“explicação solicitada” e um “esclarecimento solicitado” seriam opções mais próximas do português brasileiro); 3. *students in training* como “estudantes em treinamento” – em português, diferentemente do inglês, a noção de treinamento não é usada no campo educacional

RES~~E~~NHA

por educadores progressistas, assim, seria melhor “estudantes em formação” (o trecho todo se refere a futuros professores que estão em formação); 4. *teacher* como “professor” e não como “professora” – mesmo com a grande maioria das conversas literárias sendo conduzidas por professoras (a tradução em espanhol não teve dúvidas e traduziu por *maestra*).

Há ainda incontáveis erros de revisão (pontuação, concordância, frases sem sentido) e problemas na distinção entre as falas dos alunos e professores dos comentários de Chambers (alguns erros que acontecem inclusive no original, mas que estão corrigidos na edição em espanhol, que é mais cuidada e mais bem preparada em termos editoriais).

Apesar desses problemas, que podem ser revistos em futuras edições, *Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa* aborda teorias e práticas de formação leitora valiosas para professores e todos os interessados na formação de leitores na escola, pois, como afirma Chambers (2023, p. 17): “Falar bem sobre livros é uma atividade valiosa por si só, mas é também a melhor forma de ensaio que há para falar de outras coisas”.

REFERÊNCIAS

CHAMBERS, A. *Tell me: children, reading & talk with The reading environment*. Reino Unido: Thimble Press, 1993.

CHAMBERS, A. *Dime: los niños, la lectura y la conversación*. Traducción Ana Tamarit Amieva. México: FCE, 2007.

CHAMBERS, A.

Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa. Tradução Juliana Chieregato Pedro. Revisão técnica Adriana Pastorello Buim Arena e Raquel Pereira Soares.

São Paulo: Cortez, 2023. 144 p.